

MARIA LUÍSA VIANA DE PAIVA BOLÉO

---

ANA PIMENTEL, A PRIMEIRA MULHER À  
FRENTE DE UMA CAPITANIA NO BRASIL

## SOBRE A AUTORA



**MARIA LUÍSA VIANA DE PAIVA BOLÉO** nasceu em Coimbra, em 7 de dezembro de 1942.

Frequentou o curso de Belas Artes no Porto e em Lisboa. Licenciada em História. Fez a parte curricular do mestrado em História e Literatura do Brasil, na Universidade Clássica de Lisboa. Foi colaboradora em regime *free lancer* em diversas revistas portuguesas. Participou em diversos congressos, apresentando trabalhos sobre mulheres na História de Portugal, Espanha e Brasil e especializou-se em história das mulheres. É membro Correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Publicou "*D. Maria I, a Rainha Louca*", Lisboa, Esfera dos Livros, 2009.

---

Esta minha intervenção tem como objetivo dar a conhecer mais um rosto feminino da Expansão Portuguesa, que para maioria dos portugueses é pouco conhecido e que, como tantos outros, merece figurar na História de Portugal num lugar digno e não no de simples nota de rodapé.

Ana Pimentel foi a primeira mulher que na América Portuguesa exerceu o cargo de governadora, com os poderes inerentes a esse cargo.

Portugal, em 1500, tinha uma população aproximada de dois milhões de almas. Foi o ano oficial da descoberta do Brasil, por Pedro Álvares Cabral, o ano do segundo casamento do rei D. Manuel I e do nascimento, em Vila Viçosa, de Martim Afonso de Sousa, filho primogênito de Lopo de Sousa, senhor da Vila Terra do Prado, de Paiva e Baltar, do Conselho do rei e aio de D. Jaime e da sua terceira mulher, Joana de Albuquerque, cujo pai servia o rei D. Afonso V. Um ano ou dois depois nasceria seu irmão, Pero Lopes de Sousa, tendo ambos sido capitães donatários das Terras de Santa Cruz. Legaram-nos testemunhos escritos pelo seu próprio punho, de grande importância, não só para as Histórias de Portugal e Brasil, mas também para o estudo das suas multifacetadas personalidades.

Na brevíssima e sumária autobiografia<sup>1</sup> com data de 1557, Martim Afonso de Sousa dá-nos algumas informações sobre aquilo que foi a sua vida recheada de grandes feitos ao serviço de Castela e do reino, falando quase exclusivamente das suas ações como militar

---

<sup>1</sup> *Autobiografia de Martim Afonso de Sousa*, Lisboa, Alfa, 1989 (Texto modernizado e comentário final da autoria de Luís de Albuquerque, pp 65 a 84)

e homem do mar no Brasil e na Índia. Quanto à referência a sua mulher – Ana Pimentel – apenas diz que casou e quando veio com ela para Portugal, tendo ambos ido para Évora, onde nessa época estava instalada a corte.

Os cargos que exerceu na corte portuguesa, depois no Brasil e mais tarde na Índia, permitem-nos através de cartas e crônicas de contemporâneos seus, nomeadamente de Diogo de Couto, D. João de Castro, Gaspar Correia e seu irmão, Pero Lopes de Sousa, traçar o percurso e a personalidade deste fidalgo e homem do mar no século XVI português.

Auguste de Sainte-Hilaire classifica nestes termos esses homens: *“A uma fé ardente, mas pouco esclarecida, a uma generosidade levada a imprevidência juntavam um espírito empreendedor e aventureiro, uma grande intrepidez, muito orgulho, o amor da glória, o desejo de adquirir riquezas para dispersá-las e brilhar e sobretudo uma rudeza de costumes, contra a qual lutava em vão a inefável doçura do Cristianismo”*<sup>2</sup>.

Martim Afonso de Sousa era *“tanto da privança”* do futuro rei D. João III, que o pai, D. Manuel I, ao aperceber-se do ascendente que ele exercia sobre o filho, o manda, por duas vezes, regressar a Bragança, à casa paterna. Mas Martim Afonso, então com 17 anos, responde aos conselheiros do Rei Venturoso que não tencionava voltar, e esta desobediência permite-nos perceber o à-vontade com que se movimentava na corte, ou não fosse ele próprio descendente de um filho bastardo do rei D. Afonso III e da moura, filha do alcaide de Faro, que depois de batizada tomou o nome de Madalena Gil. Foram o rei e esta moura pais de Martim Afonso Chichorro, bisavô de Martim Afonso de Sousa, que era por sua vez primo direito do que viria a ser primeiro Governador do Brasil, Tomé de Sousa, e do Conde de Castanheira, o mais alto valido de D. João III.

---

<sup>2</sup> Auguste de Saint-Hilaire, *Viagem à Província de São Paulo e Resumo das viagens ao Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguai*, p. 23.

D. Manuel I faleceu em dezembro de 1521 e a rainha D. Leonor, sua terceira mulher, permaneceu em Portugal até 1523, havendo grande parte da nobreza e até do povo que via com bons olhos o casamento do herdeiro do trono, D João III, com a madrasta (a quem estivera prometido), mas o Imperador Carlos V, irmão da rainha viúva, inviabilizou esse projeto, muito provavelmente por questão de dote. Se D. Leonor casasse com o rei português, a sua fortuna, que era imensa, ficaria no nosso país (por essa mesma razão, sua filha e irmã de D. João III nunca casou – foi a infanta Dona Maria que ficou celebrizada na nossa história como inspiradora de Camões e que na corte formou um grupo de senhoras que se distinguiram pela sua elevada cultura).

Posta a ideia de parte, D. João III vai dar a Martim Afonso de Sousa a incumbência de acompanhar à Espanha a rainha D. Leonor.

Será durante esta estadia na corte espanhola, que Martim Afonso casará, em maio de 1523, com Ana Pimentel. Diogo de Couto diz-nos que Martim Afonso de Sousa se foi a Salamanca, onde se enamorou de uma dama castelhana chamada dona Ana Pimentel, com quem se casou e a trouxe para Portugal<sup>3</sup>

Ainda hoje não há consenso quanto à ascendência dessa fidalga, que seria filha de Dom Francisco Maldonado ou de seu irmão, Dom Rui Dias Maldonado, filhos por sua vez de Dom Arias Maldonado, senhor da Casa das Conchas em Salamanca, de onde era Regedor, bem como Talavera, casado, desde 1494, com D. Joana ou Inês Pimentel, que fora dama da corte de Isabel, a Católica. Há quem ainda ponha hipótese de ser filha de Dom Rodrigo Ayres Maldonado, de Talavera, embaixador de Castela em Portugal, pai de Catarina Maldonado, que alguns admitem ser irmã de Ana Pimentel.

Não podia haver casamento mais equilibrado, em termos de ascendência nobre, e no sangue terá, além da nobreza, corrido o gosto de aventura, que na época significava gosto pelo mundo que estava para lá do mar ignoto. O destino, porém, traçou-lhes rotas bem diversas.

---

<sup>3</sup> Diogo de Couto, *Décima Quinta da Ásia*

Um mês depois de casado, Martim Afonso parte para a guerra que Carlos V mantinha contra Francisco I de França<sup>4</sup>

Em fevereiro de 1525, regressa com a mulher, Ana Pimentel a Évora, trazendo a rainha, D. Catarina, filha de Felipe, o Belo, de Castela e de Joana, a Louca, casada por procuração com D. João III, em agosto de 1524.

Para estreitar as relações entre os dois países, Carlos V casa com D. Isabel, irmã de D. João III. A viúva de D. Manuel casará, em 1530, com Francisco I, de França, para cimentar a paz assinada em 1529<sup>5</sup>.

Ana Pimentel vai cumprir bem a sua missão de mãe. Teve oito filhos: 5 varões e 3 filhas.

Foram eles: Pedro Lopes de Sousa (como tio), que casaria com Ana da Guerra, pai de Mariana da Guerra; Lopo Roiz (Rodrigues) de Sousa, que vai morrer ainda mancebo no mar, quando acompanha o pai numa viagem à Índia (1541-1542); Afonso de Sousa, que professou como dominicano, em 1557, foi bispo de Viseu, em 1594, e tomou o nome de Frei Antônio de Sousa; Rodrigo Afonso de Sousa e Gonçalo de Sousa, que morreram sem descendência; Inês Pimentel, que casou com Antônio de Castro, senhor de Cascais e da Lourinhã, 4º conde de Monsanto; Brites Pimentel, que esteve prometida a Luís de Ataíde, conde de Atouguia, mas morreu solteira, e Catarina de Sousa, que morreu sem estado.

Ana Pimentel e o marido regressaram de Espanha em 1525 e até 1529 o casal vai viver na Corte, conforme as suas próprias palavras: *“e fiquei servindo assim na corte até a era vinte e nove”*<sup>6</sup>.

Desde 1528 chegavam a D. João III notícias preocupantes sobre os ataques dos navios franceses às costas brasileiras, que ali

---

<sup>4</sup> *Op. Cit.*, p.1.

<sup>5</sup> “Paz de Cambrai” ou “Paz das Damas”, firmada por Luísa de Saboia, pelo lado da França, e Margarida de Áustria, por Castela.

<sup>6</sup> *Op. Cit.*, p. 1

se deslocavam frequentemente para carregarem clandestinamente pau-brasil e animais exóticos, ignorando o Tratado de Tordesilhas assinado, em 1494, entre Portugal e Espanha e que Francisco I não reconhecia. Havia também persistentes notícias sobre as descobertas, por parte dos espanhóis, de jazidas de metais preciosos na região do Rio da Prata. O rei português vai tomar medidas imediatas.

O rei vai incumbir Martim Afonso de Sousa de uma tripla missão: escorraçar os franceses das costas do Brasil, que ele despejou de corsários franceses que iam tomando neles muito pé, descobrir e povoar terras e explorar alguns rios. Foram-lhe conferidos amplos poderes e a sua ação em Terras de Santa Cruz viria a ser início da colonização sistemática daquela imensa colônia<sup>7</sup>.

Esta escolha, por parte do rei, era um grande privilégio e poderá ter sido sugerida pelo mais alto valido rei, D. Antonio de Ataíde, primo co-irmão de Martim Afonso, como já referimos (filho de uma irmã do pai).

A 3 de dezembro de 1530, uma frota de duas naus, um galeão e duas caravelas, capitaneada por Martim Afonso de Sousa, acompanhado por seu irmão Pero de Sousa e outros fidalgos, com uma tripulação composta por portugueses e estrangeiros, num total de mais de 400 homens, zarpa do Tejo com destino às costas brasileiras.

Em fevereiro de 1531, Martim Afonso divide a esquadra em duas, para um melhor conhecimento da costa, tendo um grupo chegado ao rio Maranhão e o outro, sob seu comando, fará o mesmo entre Pernambuco e o Rio da Prata. Vão, de imediato, defrontar-se com navios franceses, a quem não dão tréguas, evitando as tentativas de penetração daqueles na colônia portuguesa.

A 30 de abril de 1531, chegam à ilha de São Vicente.

---

<sup>7</sup> Segundo Afrânio Peixoto na sua *História do Brasil*, Martim Afonso de Sousa estava em Pernambuco quando soube da decisão do rei em dividir o Brasil em capitanias. Resolução é de 1532, as doações de 1533, já Martim Afonso estava de partida para Índia.

Um encontro importante deu-se entre Martim Afonso e João Ramalho, há muitos anos a viver no Brasil, casado com Bartira (Flor), filha do chefe Tibiriçá, pai de um prole de mamelucos que teve uma influência decisiva no modo amistoso como os aborígenes receberam estes portugueses<sup>8</sup>. Em março, a armada de Martim Afonso de Sousa chega à Bahia de Todos os Santos. É aqui que se dá outro encontro importante – com Diogo Álvares (o Caramuru), que presta ao navegador português preciosas informações para o reconhecimento da costa. Daqui partirá uma expedição para o interior do sertão em busca de ouro, mas Martim Afonso cedo se desinteressou do Brasil, muito provavelmente devido às infrutíferas incursões pelo sertão, em busca de metais preciosos. Tendo mandado explorar a região de Cananeia, perto da atual São Paulo, aconteceu-lhe que todos os seus homens foram mortos pelos índios.



Ana Pimentel e o marido

Quanto a introdução de escravos negros no Brasil, não há datas exatas. Há quem pretenda que a caravela encontrada por Martim Afonso de Sousa na Bahia em 1531 e por ele tomada ao seu serviço, depois de fazer desembarcar os escravos que transportava, já se empregasse nesse comércio. Nas doações das capitanias em que foi dividido o Brasil por D. João III (1532 e 1535) conferiam-se aos donatários poderes, mesmo de morte, também sobre os escravos<sup>9</sup>.

<sup>8</sup> João Ramalho foi fundador da cidade de Santo André da Borda do Campo. O casal teve oito filhos. O padre Manuel da Nóbrega batizou Bartira, que tomou o nome de Isabel Dias

<sup>9</sup> Elisabeth Vorcaro, *A mulher na Cultura Brasileira*, p.50

Martim Afonso de Sousa vai preparar o regresso ao reino. O governo de São Vicente ficou assegurado pelo seu lugar-tenente e capitão-mor, com todos os poderes que lhe tinham sido conferidos em cartas régias de novembro de 1530. Ficaram com ele 300 colonos para continuarem a exploração da terra, em especial da cana-de-açúcar. Como é sabido, os primeiros engenhos introduzidos no Brasil foram para São Vicente.

Deixou já construída uma igreja, uma fortaleza, um pelourinho – símbolo da justiça – e um estaleiro para preparação de navios.

O primeiro capitão-donatário foi também o fundador de Piratininga, a nove léguas de São Vicente, no interior de sertão que era domínio quase exclusivo de João Ramalho e que viria a ser o embrião da futura cidade de São Paulo<sup>10</sup>.

### Ana Pimentel – Procuradora

Martim Afonso regressa ao reino na primeira quinzena de agosto de 1533 e irá partir para Índia em 12 de março de 1534, por três anos (que na prática foram cinco), como capitão-mor do mar, não sem ter primeiro nomeado a sua mulher, Ana Pimentel, procuradora dos seus negócios no Brasil.

E é esta fidalga, dama da rainha D. Catarina, mãe de família, habituada a trabalhos delicados e rodeada de criados, que ao saber das notícias alarmantes da sua capitania de São Vicente, quase abandonada nas mãos de inábeis administradores, constantemente atacados pelas tribos locais e pelos cobiçosos homens de Carlos V, que decide partir para o Brasil, para tratar, bem de perto, das terras de que era proprietária pelo casamento e como administradora.

Não sabemos como foi tomada esta decisão, se terá trocado cartas com o marido, se alguém da corte lhe aconselhou a partida

---

<sup>10</sup> A fundação do Colégio de São Paulo de Piratininga foi em 29 de agosto de 1553, onde foram admitidos 50 catecúmenos indígenas, mas o dia da fundação oficial de São Paulo é 25 de janeiro de 1554, dia em que a Igreja Católica comemorou a conversão de São Paulo.

ou se foi uma iniciativa pessoal. Nem sempre temos um perfil muito correto destas damas fidalgas de meados do século XVI português. Teriam alguma margem de iniciativa?

Ana Pimentel tinha sangue espanhol e sabia certamente que outras mulheres do seu país de origem já há anos tinham partido para as Índias espanholas. Possivelmente as primeiras espanholas que chegaram à América foram na expedição de frei Nicolau de Ovando até La Española, quando corria o ano de 1502. Assim o afirma o cronista Fernandez de Oviedo<sup>11</sup>.

Ignoramos a data exata da partida de Ana Pimentel, mas tudo nos leva a crer ter sido depois de 1536, visto que, já como procuradora do marido, vai reconduzir o padre Gonçalo Monteiro como lugar-tenente da capitania, num documento lavrado em Lisboa. Com data de 1538 substitui Gonçalo Monteiro pelo capitão Antonio de Oliveira à frente dos destinos da capitania, já em documento lavrado no Brasil.

Com o apoio dos jesuítas, colonos e gente fidalga que acompanhou nesta arrojada travessia do Atlântico, Ana Pimentel vai fazer prosperar, pouco a pouco, a vida em São Vicente. Consta mesmo que na Armada em que viajou embarcou também gado bovino – o primeiro que entrou no Brasil – e alfaias para exploração das terras, prática que foi comum na colonização portuguesa. Ela também terá provavelmente estado na origem da fundação do Hospital da Misericórdia.

Segundo Viriato Correia, escritor brasileiro já do século XX, em Terra de Santa Cruz os primeiros garrotes (bezerros) e as primeiras vacas vieram de Portugal e não das Antilhas. Vieram em navio português para São Vicente. Martim Afonso já não estava na capitania, havia partido para as Índias – e administrava São Vicente a saia varonil de D. Ana Pimentel, esposa de Martim... – Devia ter sido pelos anos de 1534 a 1536.

---

<sup>11</sup> Carmen Pumar Martinez, *Españolas en Índias: mujeres soldados, adelantadas y gobernadoras*, Madri, Anaya, 1988, p.8.

Há notícia de outra mulher ida do reino para São Vicente: foi a mulher de João Gonçalves, que terá embarcado em 1537, como refere Frei Gaspar da Madre de Deus. O padre Francisco Soares, em *Coisas Notáveis do Brasil*, conta-nos como Ana Pimentel enfrentou com três canoas, no rio Paraíba, os índios rebeldes e como ela, com sua fraca tripulação e a sua fé (fez ela logo o sinal da Cruz) conseguiu capturar três índios, demonstrando bem a sua completa integração no meio e como era da sua responsabilidade não permitir que os índios abandonassem a sua capitania, como quase sempre acontecia. O autor faz, no entanto, algumas confusões dizendo que o marido de Ana Pimentel era índio, confusão essa muito provavelmente devido ao fato de o chefe índio Tibiriçá, que apoiara Martim Afonso quando da sua missão em São Vicente, em homenagem ao governador e depois de batizado, ter adotado o seu nome passando a chamar-se Martim Afonso Tibiriçá.

Ana Pimentel empenhava-se seriamente no desenvolvimento da sua donataria e era ela quem acompanhava as sementeiras, tendo introduzido ou desenvolvido o cultivo do trigo.

O seu marido regressa da primeira estadia na Índia, em 1539, e será nomeado governador em 1541. Nesta segunda viagem, parte com ele um filho, que vai morrer na travessia, e o grande S. Francisco Xavier. Governou três anos e quatro meses e deixou essas funções em 12 de setembro 1545. Veio na nau S. Tomé em dezembro desse ano.

Ana Pimentel terá permanecido entre 7 e 9 anos à frente da donataria, sendo de destacar a sua ação também no desenvolvimento da cultura do arroz e introdução da laranja.

À abundância de arroz na capitania de São Vicente vão referir-se frei Gaspar da Madre de Deus, Gabriel Soares de Sousa e frei Vicente do Salvador.

Do maior relevo são documentos das escrituras de doação das terras de Jeribatiba a Brás Cubas – também ele uma das glórias da colonização do Brasil – e fundador da cidade de Santos, no

prosseguimento das terras já doadas por Martim Afonso em 1532. Os documentos foram assinados por Ana Pimentel, em 26 de novembro de 1540. (Ele estará nesse cargo até 1549, ano em que o Brasil passa a ter um governo-geral com Tomé de Sousa e depois assumirá novamente o cargo em 1556.)

Foi também Ana Pimentel quem, em 1544, assinou a revogação da proibição de acesso ao sertão, determinada pelo marido, e que será o início da penetração do sertão e abertura de um capítulo novo na história daquela colônia.

Como terá sido o seu regresso ao reino? Como se podia retomar uma vida na Corte depois do contato direto com a natureza selvagem, com a sua beleza e os seus perigos? A vida quotidiana com os colonos e os aborígenes até que ponto marcou esta fidalga? Tantas perguntas sem respostas. Podemos ter uma certeza: Ana Pimentel, depois dos anos passados no Brasil, não permaneceu a mesma mulher que era antes de partir. Todo o seu restrito mundo foi enriquecido com uma vivência que raríssimas portuguesas, na sua época, tiveram o privilégio de experimentar.

Camões refere-se elogiosamente a Martim Afonso de Sousa no Canto X de *Os Lusíadas*, e Damião de Góis Dora que era cobiça de honra como de dinheiro e que trouxe muito dinheiro com ele, com que fez umas famosas casas e grandes, junto com S. Francisco de Lisboa, e comprou Alcoentre ao marquês de Vila Real e muita renda de juro. A estas casas se refere também frei Francisco de Santa Maria, dando como certo um diálogo entra a rainha D. Catarina e D. Ana Pimentel:

*“Dizem-me que fazeis umas casas muito famosas para quando vier Martim Afonso!” a que Ana Pimentel teria respondido Senhora, se ele vier pobre, aquelas casas bastam; se vier rico, ali está o limoeiro”<sup>12</sup>.*

Alcoentre foi comprada por Ana Pimentel em 1542, ia o marido em viagem para Goa. Também Diogo do Couto se referiu a Martim

<sup>12</sup> Frei Francisco de Santa Maria, *Ano histórico, tomo II*, p.389.

Afonso: “foi este governador homem de boa estatura, gentil homem e aprazível. Vai suceder-lhe a D. João de Castro como governador da Índia”.

Teria Martim Afonso apreciado devidamente sua mulher, Ana Pimentel?

Muito provavelmente ter-se-ão encontrado no reino em 1546, e até à morte de Martim Afonso, em 1571<sup>13</sup>, foram quase trinta anos de vida em comum. Como terá sido o quotidiano deste casal, que saía dos padrões da época? Da vida privada de ambos sabemos muito pouco.

Martim teve um filho bastardo na Índia – Tristão de Sousa – que ali viveu no tempo do vice-rei D. Constantino. Lá casou e teve um filho, Luís de Sousa, que foi padre dominicano<sup>14</sup>.

Sabemos também que, em 20 de abril de 1558, Martim Afonso de Sousa e Ana Pimentel obtiveram um alvará para, no caso de seu filho primogênito não ter sucessor, a herança passar para a irmã, Inês Pimentel. Este filho mais velho de Martim Afonso será herdeiro de Alcoentre; em 4 de agosto de 1578 vai morrer na batalha de Alcácer Quibir, bem como o filho de Lopo de Sousa.

Embora não tenha tido acesso ao seu testamento, que existe, mas supomos ter sido comprado por um particular, sabe-se que o casal lhe acrescentou dois codicilos, em 1570, para que também a neta – Mariana da Guerra – pudesse herdar terras do pai.

Nesse ano Martim Afonso e Ana Pimentel estavam longe de saber que iriam sofrer a perda desse filho e do neto na mais trágica batalha da nossa história.

<sup>13</sup> A data exata da morte de Martim Afonso de Sousa ignora-se, mas é posterior a 1570, visto que em 3 de novembro de 1570 há documentos assinados por ele. Aponta-se como data provável antes de junho de 1571. Em enciclopédias portuguesas recentes ainda consta data de 1564, fruto de um erro cometido de início por Varnhagen, mas foi posteriormente corrigido. Uma das provas da data da morte de Martim Afonso é um alvará que consta da chancelaria da Ordem de Cristo, com data de 6 de junho de 1570, em que lhe concedia uma tença de 90000 reais em consequência da quebra que tivera na compra de Sta. Maria de Mascarenhas (Carlos Malheiro Dias, *op. cit.*)

<sup>14</sup> Antonio Caetano de Sousa, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, tomo XII parte II, p. 241.

Martim Afonso de Sousa e sua mulher acumularam uma fortuna considerável e as casas junto de São Francisco referem-se ao convento de São Francisco, perto das antigas portas de Santa Catarina (hoje Rua Garrett) que pertenceram à família até serem demolidas já no século XIX.

De destacar que, se Ana Pimentel se encontra entre as mulheres fundadoras da cidade de São Paulo, outras houve, não menos famosas, como a viúva de Duarte Coelho, capitão donatário de Pernambuco – Brites de Albuquerque –, que esteve a frente dos destinos da capitania entre 1554 e 1560 e depois da morte do filho mais velho, tendo assumido de modo notável as funções, negociando mesmo alianças com os aborígenes. Ana Pimentel terá sobrevivido ao marido? Não encontramos qualquer documento que nos permitisse avançar com uma data provável da sua morte. Porém, em contato com descendentes seus, tenciono prosseguir a investigação sobre a vida e morte desta importante portuguesa de Quinhentos.

Na América Portuguesa, as duas donatarias com maior sucesso – São Vicente e Pernambuco – tiveram no início da sua administração mulheres que pela sua ação passaram à posteridade. Muitas mais houve que se destacaram na História da Expansão Portuguesa. A nós cumpre-nos não só não as esquecer como dar-lhes o relevo merecido numa História de Portugal a reescrever.